

**PEGANDO FOGO – POR QUE COZINHAR NOS TORNOU HUMANOS**  
Richard Wrangham. Zahar, 228 págs.  
2010, R\$ 34,00



Se em *Evolução em quatro dimensões – DNA, comportamento e a história da vida* Charles Darwin é mais complementado que contestado, em *Pegando fogo – Por que cozinhar nos tornou humanos*, o naturalista inglês, que teve seu 200º aniversário e o sesquicentenário de *A origem das espécies* comemorados no ano passado, é literalmente refutado.

Richard Wrangham, da Harvard University, antropólogo de trânsito fácil entre seus pares, discípulo de Jane Goodall e diretor do Kibale Chimpanzee Project, assegura que, ao contrário do que se considera a partir de Darwin, cozinhar nos fez humanos, em vez de nossa humanidade nos ter levado a cozinhar.

A hipótese do cozimento elaborada por Wrangham sustenta que um ancestral humano que se antecipou ao *Homo sapiens*, o *Homo erectus*, dominou o fogo e a partir de então tirou partido do cozimento de alimentos há algo em torno de 1,8 milhão de anos. Foi a energia extra obtida por esse processo, na interpretação de Wrangham, que concedeu vantagens biológicas aos pri-

meiros cozinheiros e permitiu mudanças que transformaram desde a anatomia, a fisiologia e a ecologia até a sociedade humana em seu conjunto.

Wrangham inclui em suas críticas o trabalho do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss no livro *O cru e o cozido*, onde o cozimento é entendido como um processo que diferencia homens e animais. Edmund Leach, colega de Lévi-Strauss, levou essas ideias adiante e acrescentou que “as pessoas não precisam coser sua comida, mas fazem isso por razões simbólicas, para mostrar que são homens e não animais”. Segundo Wrangham, no entanto, “Lévi-Strauss era um antropólogo de primeira grandeza e sua sugestão de que o cozimento não tinha nenhum significado biológico foi amplamente difundida e ninguém questionou esse aspecto de sua análise”.

Ao longo de oito capítulos acompanhados de um epílogo, no entanto, Wrangham argumenta que a história não se desenvolveu dessa maneira para mostrar, literalmente, como o cozimento libertou o homem. E as pistas mais convincentes nesta área, na ausência de provas incontestes das ancestrais das atuais churrasqueiras dominicais, ficaram gravadas em dentes e ossos, ainda que sejam pistas indiretas de que humanos, ou proto-humanos, haviam se decidido por uma mudança radical em seus hábitos.

O trabalho de Wrangham, com citações de cavernas enfumaçadas e outras pistas do uso do fogo com fins de alimentação, em mais de um momento sugere literalmente uma viagem no tempo. Como se fôssemos observadores invisíveis de cenas que nos antecederam por milhares de anos. (U. C.)